


**DOCUMENTO FINAL  
DA ETAPA  
CONTINENTAL EM  
AMÉRICA LATINA E CARIBE**



“Tal é a primeira coisa de que necessitamos: uma Igreja que caminhe em conjunto, percorrendo as estradas da vida com a chama do Evangelho acesa. A Igreja não é uma fortaleza, não é um potentado, um castelo situado no alto que olha, distante e autossuficiente, para o mundo.”

(Papa Francisco)

# Narrativa: a fase continental do Sínodo na América Latina e nas Caraíbas

1. “É possível caminhar com Cristo no centro e deixarmo-nos guiar pelo Espírito de Deus. Cresce em nós a esperança de que já estamos a viver um tempo novo para a Igreja”. Esta expressão de um dos participantes da Etapa Continental do Sínodo reflecte o entusiasmo que o processo despertou na América Latina e nas Caraíbas e que teve como momento central de discernimento os quatro encontros regionais realizados em El Salvador, Santo Domingo, Quito e Brasília, em fevereiro e março de 2023.

2. A preparação da Etapa Continental começou um ano antes, com a formação de uma comissão que acompanhava as equipas nacionais encarregadas de animar a Fase Diocesana e que, ao mesmo tempo, estabelecia as modalidades de realização da assembleia continental, em diálogo com a Secretaria Geral do Sínodo. A comissão foi composta por: P. Miguel Cabrejos (presidente do CELAM), D. Jorge Lozano (secretário-geral do CELAM), P. Pedro Brassesco (secretário adjunto do CELAM), Ir. Daniela Cannavina (secretária-geral da CLAR), P. Francisco Hernández (secretário executivo da Caritas América Latina), Mauricio López (diretor do Ceprap do CELAM e ligação com a secretaria-geral do Sínodo) e Oscar Elizalde (diretor do Centro de Comunicações do CELAM).

3. A Igreja da América Latina e das Caraíbas tem uma longa história de experiências participativas, marcada pelas cinco Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano, pelo Sínodo da Amazônia, pela Assembleia Eclesial e pelas estruturas eclesiais de comunhão do continente.

4. A nossa Igreja alimenta-se da diversidade social e cultural de cada região, que é um aspeto a ser cuidado e reforçado para consolidar a identidade comum e uma renovada inculturação do Evangelho entre os povos. Por isso, foi decidido que a Etapa Continental teria como momento central a realização de encontros regionais que permitissem uma maior participação, discernimento e escuta para contribuir com a nossa própria riqueza e modo particular de ser Igreja.

5. De um total de 400 participantes, foi estabelecido um número de representantes para cada país, proporcional à população total, atribuindo-lhes também um número estimado de bispos, padres, religiosos e religiosas, diáconos, leigos e leigas. Entre estes últimos, foi feito um pedido especial para incluir pessoas de áreas que não tinham sido suficientemente ouvidas na fase diocesana. Finalmente, o CELAM convidou representantes de sectores periféricos que também não tinham sido convidados.

6. As reuniões regionais foram realizadas em San Salvador (El Salvador), para a região da América Central e México, de 13 a 17 de fevereiro; Santo Domingo (República Dominicana), para a região das Caraíbas, de 20 a 24 de fevereiro; Quito

(Equador), para a região Bolivariana, de 27 de fevereiro a 3 de março; e Brasília (Brasil), de 6 a 10 de março, para a região do Cone Sul.

7. Participaram 415 pessoas: 96 na América Central e no México; 41 nos países das Caraíbas; 92 na região bolivariana e 177 no Cone Sul. Participaram 65 bispos, 70 sacerdotes, 61 religiosos e religiosas, 16 diáconos e 194 leigos e leigas.

8. Cada assembleia abriu com um retiro espiritual na segunda-feira de manhã. Foi um momento de encontro profundo com o Espírito, em que foi significativo o espaço físico em que se realizaram: em El Salvador, na capela do mártir São Óscar Romero e em Santo Domingo, na Catedral Primaz da América. À tarde, houve tempo para a apresentação do processo sinodal em relação à Assembleia Eclesial, a explicação da metodologia do colóquio espiritual e a formação das comunidades de vida com um primeiro encontro para que os membros se conhecessem.

9. Os dias seguintes foram dedicados à reflexão sobre o Documento da Fase Continental e as três questões que este coloca. O terceiro capítulo foi dividido em três partes, cada dia abordando uma delas em três sessões de grupo, uma para cada pergunta. No final de cada dia, houve uma partilha de todas as comunidades como um novo momento de discernimento conjunto. Foram recolhidas 423 sínteses com intuições, tensões e temas a aprofundar a partir do que foi desenvolvido no DEC. Uma equipa do CELAM registou e sistematizou estas propostas, identificando os temas comuns, mas respeitando a multiplicidade de vozes e sugestões.

10. No último dia, as assembleias foram divididas em grupos por vocação para reler a experiência e dar novos contributos sobre os horizontes para a etapa seguinte, o que permitiu receber mais 30 documentos com contributos.

11. Ao contributo das regiões juntou-se o processo levado a cabo por algumas organizações pastorais, como a Conferência Eclesial da Amazônia (CEAMA), a Rede Eclesial Pan-Amazónica (REPAM) e a Pastoral Afro, que fizeram o seu próprio caminho à luz do DEC em vários encontros e reuniões.

12. Os momentos de espiritualidade marcaram fortemente cada dia, permitindo um clima de encontro com Deus e um sentido de comunidade fraterna para além da diversidade de estados de vida, línguas, posições ou lugares de origem de cada participante. Para além disso, os organizadores locais ofereceram momentos de lazer ou de intercâmbio cultural que permitiram reforçar os laços de pertença a cada região. Cada assembleia culminou com a celebração da Eucaristia.

13. De 17 a 20 de março, realizou-se um encontro na sede do CELAM em Bogotá (Colômbia) para elaborar a síntese continental a partir dos contributos de todas as assembleias. Foram convidados os membros da equipa de reflexão teológica pastoral do CELAM (muitos dos quais participaram nas assembleias), os facilitadores que realizaram a metodologia em cada encontro e os membros da equipa coordenadora

da fase continental. Uma equipa de dezasseis pessoas, acompanhada por membros da Secretaria Geral do Sínodo, orientou o processo.

14. A redação consistiu em discernir os grandes temas à luz do Espírito e da experiência vivida, individualmente e depois em grupo. Na assembleia, o esquema foi acordado e, com as contribuições oferecidas, os temas foram redigidos por grupos, tendo o cuidado de inserir citações que reflectissem as vozes ouvidas. A equipa de redação consolidou o texto final com base na leitura conjunta, nas correcções e nas sugestões apresentadas.

15. No dia 21 de março, no âmbito do encontro presencial dos secretários gerais das Conferências Episcopais, e com a participação online dos seus presidentes, o dia foi dedicado a uma releitura colegial da experiência sinodal vivida a partir do seu carisma e responsabilidades específicos. Neste contexto, foi apresentado aos bispos o processo desenvolvido e o texto proposto para a síntese. Depois, reunidos em regiões pastorais, leram o documento e, finalmente, em plenário, deram os seus contributos e avaliações. O diálogo foi enriquecido pela presença do Cardeal Jean-Claude Hollerich S.J., relator do Sínodo; de Mons. Luis Marín de San Martín, subsecretário da Secretaria Geral do Sínodo; e do P. Giacomo Costa, coordenador da Comissão Preparatória do Sínodo.

16. Assim, a experiência vivida nesta Fase Continental consolidou o carácter participativo e comunitário da Igreja em peregrinação na América Latina e nas Caraíbas e deu-lhe novas notas a partir da metodologia utilizada, da forte marca espiritual que se procurou imprimir e da abertura à escuta de novas vozes.

## Introdução: uma Igreja em chave sinodal

17. Na Igreja da América Latina e das Caraíbas, foi concluída a etapa continental do processo sinodal convocado pelo Papa Francisco sob o tema *Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão*. A narrativa anterior explicou o processo de escuta, diálogo e discernimento realizado nas quatro assembleias regionais com a participação das vinte e duas Conferências Episcopais. Neste caminho conjunto, aprendemos a desenvolver mais plenamente o sentido do “nós eclesial” e foram colhidos vários frutos.

18. A vida conciliar, sinodal e colegial na nossa Igreja tem uma longa história. No caminho percorrido pelos grandes missionários da primeira evangelização está Santa Maria de Guadalupe com o seu rosto moreno, a sua mensagem de “Deus para quem vivemos”, a sua pedagogia inculturada através da conversação na língua indígena e a procura de uma terra sem males. Ela é a primeira discípula missionária do continente. Na Igreja que peregrina na América Latina e nas Caraíbas, o Espírito distribuiu uma rica diversidade de dons entre os seus povos e dotou-os de valores espirituais e

comunitários, como o respeito pela irmã mãe terra. Durante cinco séculos, a Igreja, com luzes e sombras, com santidade e pecado, evangelizou o continente dando testemunho da fé e lutando pela justiça - sobretudo através dos seus santos e mártires - e assim contribuiu para formar comunidades de filhos, irmãos e irmãs.

19. Nos últimos tempos, temos acolhido a força do Espírito Santo que sempre rejuvenesce o seu rosto através de significativos processos sinodais. Este caminho comum intensificou-se a partir de 1955 com a celebração da Primeira Conferência Geral do Episcopado no Rio de Janeiro e a criação do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), organismo de comunhão e coordenação ao serviço dos bispos e das Conferências Episcopais. Destacam-se também as assembleias das Conferências Gerais do Episcopado: Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007), no santuário mariano do Brasil, com o convite a sermos discípulos e missionários de Jesus Cristo para que, n'Ele, nossos povos tenham vida.

20. Em 2019, o Papa Francisco sugeriu a preparação de uma primeira Assembleia Eclesial da América Latina e das Caraíbas, insistindo que não fosse apenas um encontro de bispos, mas de todo o santo povo fiel de Deus que caminha, reza, fala, pensa, discute e procura a sua vontade. A celebração desta Assembleia em 2021 foi recebida com grande alegria. Esta experiência inédita, fruto do transbordamento do Espírito, aconteceu no meio da crise pandémica e constituiu, em tempos de sofrimento e morte, o sinal profético de uma Igreja viva e próxima do seu povo para semear a esperança e construir o futuro. É um verdadeiro marco que conjuga a participação de muitos membros do Povo de Deus com o exercício do ministério pastoral dos bispos e episcopados. Com tudo o que foi partilhado, o *texto Rumo a uma Igreja sinodal em saída para as periferias. Reflexões e propostas pastorais da Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e das Caraíbas*.

21. Houve também outros processos sinodais de diferentes dimensões e alcances que nos ensinam a caminhar juntos: renovou-se e reestruturou-se o CELAM com um estilo mais sinodal; realizou-se a Assembleia do Sínodo para a Amazônia; criou-se a Conferência Eclesial da Amazônia - CEAMA; e formaram-se várias redes eclesiais: Rede Eclesial Pan-Amazónica - REPAM; Rede Eclesial Ecológica Mesoamericana - REMAM; Rede Eclesial do Gran Chaco e do Aquífero Guarani - REDCHAG. Estas redes dedicam uma atenção particular à inculturação do Evangelho e da Igreja, aos problemas específicos das comunidades indígenas e afro-americanas, aos valores da interculturalidade e ao cuidado da casa comum.

22. No contexto desses processos eclesiais, em meio às complexas realidades de nossos países e de nossa região, as igrejas latino-americanas e caribenhas receberam a convocação do Papa Francisco para o sínodo sobre a Igreja sinodal. Quisemos integrar este novo processo na experiência regional e, ao mesmo tempo, contribuir para a sinodalidade de toda a Igreja a partir da história recente, sabendo que o Espírito está a tecer a harmonia. O Povo de Deus está a experimentar o apelo a sentir-se como sujeito ativo da Igreja. Na assembleia da Região América Central e

México (CAMEX), um leigo expressou: “*Isto já é Sínodo*”. Todos estes processos se entrelaçaram, forjando ricos contributos de experiências, preocupações e propostas.

23. O Secretariado do Sínodo formulou a questão principal que orienta o caminho na pergunta: “como se realiza hoje, a vários níveis (do local ao universal), este ‘caminhar juntos’ que permite à Igreja anunciar o Evangelho, de acordo com a missão que lhe foi confiada; e que passos nos convida o Espírito a dar para crescer como Igreja sinodal?” (*Documento Preparatório 2, 26, Documento para a Etapa Continental 2, 105*). Num encontro regional, esta questão foi esclarecida: “O que queremos dizer quando falamos de ‘Igreja Sinodal’? Estas grandes questões convidam a aprofundar uma reflexão teológica, pastoral e espiritual que ajude a viver a eclesialidade, a sinodalidade, a ministerialidade e a colegialidade.

24. Aqui sintetizamos as principais contribuições do itinerário da fase continental na América Latina e nas Caraíbas em torno de oito temas principais que, ao mesmo tempo, incluem e remetem para outras questões importantes para o espírito e a prática da sinodalidade. Eles reúnem preocupações, tensões e prioridades. Todos e cada um deles são considerados “*em chave sinodal*”.

1. O protagonismo do Espírito numa Igreja sinodal.
2. A sinodalidade do Povo de Deus.
3. Sinodalidade: o modo de ser e de atuar da Igreja.
4. Igreja missionária sinodal.
5. Sinodalidade: compromisso socioambiental num mundo fragmentado.
6. Conversão sinodal e reforma de reestruturação.
7. Vocações, carismas e ministérios em chave sinodal.
8. Contribuições do itinerário sinodal da América Latina e das Caraíbas.

## 1. O papel do Espírito numa Igreja sinodal

25. A Igreja é o Povo reunido pela participação na comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo (cf. LG 4). O caminho percorrido permitiu-nos reconhecer como Deus está realmente a conduzir as Igrejas da América Latina e das Caraíbas para um modo de ser cada vez mais sinodal, que é inerente à Igreja, mas que assume uma importância significativa face aos desafios que as mudanças na sociedade colocam à sua vida de comunhão e missão. Isto implica uma tomada de consciência da experiência da nossa pequenez e fragilidade, intensificada pela crise pandémica. É necessário “*confiar e afirmar o Espírito Santo como protagonista deste processo, e que ele ilumina as mudanças que podem ocorrer na Igreja de Jesus*” (CameX).



26. No Pentecostes, o Espírito está na origem da Igreja e é a fonte permanente da sua vitalidade. É Ele que a faz fluir e atravessar a história com relevância e sentido e que a conduz por caminhos de renovação e de futuro. Ele molda o rosto da Igreja e o tecido relacional que torna possível a unidade na diversidade. Sem ele, não há seguimento autêntico de Jesus, não há vida nova, não há kairós eclesial. O Espírito encoraja a sua Igreja a uma autêntica conversão que pressupõe: escuta, diálogo, discernimento, atenção refinada à realidade e capacidade de compreender o grito de Deus nos gritos permanentes que ressoam na história. *"Este é o momento de reconhecer o kairós em que vivemos, com a confiança no Espírito e a certeza de que tudo é obra de Deus"* (Cono Sur).

27. A experiência de nos sabermos habitados pelo Espírito lançou-nos para além das nossas próprias análises e reflexões, convidando-nos a vencer a tentação do intimismo, dos fundamentalismos e das ideologias que nos fazem disfarçar que queremos Deus quando são a busca de interesses particulares. Pediu-nos para nos contextualizarmos e enraizarmos o caminho eclesial na profundidade da história, até nos deixarmos impregnar pela realidade, reconhecendo que nela Deus se manifesta e age, chamando-nos ao compromisso, ao trabalho com Ele, apaixonados pelo seu Reino. Entendemos o caminho sinodal *"como um processo pessoal e comunitário de abertura radical à ação do Espírito Santo, o único capaz de criar um novo Pentecostes na Igreja e de vencer a tentação constante de nos fragmentarmos"* (Bolivariana).

28. A ação do Espírito, como tudo no dinamismo do Reino de Deus, precisa de ser discernida, a sua voz precisa de ser ouvida e acolhida, escutando *"o que o Espírito diz às Igrejas"* (Ap 2,11). Os seus estímulos exigem a docilidade do nosso coração. Daí a necessidade de assumir uma atitude permanente de discernimento, de procurar não fazer a nossa própria vontade, mas, como Jesus, fazer a vontade do Pai de Misericórdia. Isto gera uma grande tensão quando vivemos num tempo em que se exalta tanto a individualidade e o voluntarismo, quando se faz do *"eu"* a medida de todas as coisas; quando somos tentados a impor aos outros as nossas próprias intenções e ideologias que são visões parciais da realidade. Discernir significa distinguir, entre tantas vozes e movimentos, o que vem do Espírito, o que o Senhor nos diz e espera de nós. É o que temos feito neste processo, tentando superar as nossas próprias tentações. Este discernimento deve tornar-se cada vez mais comunitário, como a própria experiência de fé, e atento ao *"sensus fidei"* do povo de Deus em caminho.

29. Somos chamados a uma reforma profunda da Igreja, aquela que nasce da ação de Deus nas profundezas da história. *"Eis que faço novas todas as coisas, não reparastes?"* (Is 43,19). Somos chamados a viver uma conversão que tem a sua origem na escuta fiel de Deus e da realidade, uma escuta que é a condição para a transformação do coração. Devemos escutar-nos uns aos outros e discernir os sinais dos tempos para procurarmos juntos a vontade de Deus à luz da Sagrada Escritura.

30. Durante este caminho sinodal sentimos o apelo a escutar a melodia do presente, convictos de que a qualidade da escuta determina a qualidade da resposta e abre



o caminho para o empenho missionário. Apercebemo-nos de que a Igreja tem hoje, mais do que nunca, necessidade de um novo estilo relacional mais contextualizado, encarnado na realidade, capaz de escutar e fazer ressoar as diversas vozes, e de se posicionar para gerar o necessário diálogo que favoreça o encontro. Sentimo-nos chamados a gerar autênticas dinâmicas de escuta, participação, comunhão, missão partilhada e corresponsabilidade.

31. Naqueles que participaram no processo sinodal, um fruto do Espírito é a renovação da sua esperança e o reconhecimento humilde e confiante de como a conversão sinodal é conduzida pelo Espírito. De uma atitude centrada em pensar na assembleia sinodal e no documento final como a resposta desejada, passámos ao reconhecimento da necessidade de paciência, constância, perseverança no propósito, coragem criativa e ousadia, que são virtudes ligadas à esperança. Passámos à convicção de que a conversão sinodal começa no palco da nossa vida quotidiana e daí se projecta, como o fermento na massa, para a transformação do mundo inteiro. *“O caminho sinodal é um convite a sermos camponeses da fé; isto exige que aprendamos novos verbos: esperar sem desesperar, regar o que é necessário para cada tipo de planta, perseverar sem cansar, certos de que somos guiados pelo Espírito”* (Bolivariana).

32. O Povo de Deus caminhava na esperança da vinda do Salvador. Hoje, caminha na alegre esperança do seu regresso, que anima o nosso serviço ao Reino e anseia pela plenitude da Vida para todos.

## 2. A sinodalidade do Povo de Deus

33. Muitas vozes ouvidas nas quatro assembleias regionais recordam-nos que a renovação sinodal supõe *“recuperar a proposta conciliar expressa na noção de Povo de Deus, que sublinha a igualdade e a dignidade comum mais do que as diferenças de ministérios e carismas”* (Bolivariana).

34. A Igreja é a comunidade daqueles que seguem *“o caminho do Senhor”* (Actos 18,25). É o Povo de Deus em peregrinação no mundo. A sinodalidade manifesta a dimensão social e histórica da Igreja, que se enraíza na condição peregrina do ser humano, que caminha na vida em busca da felicidade. A o Povo de Deus é chamado a caminhar junto com toda a família humana, sendo sacramento de salvação e de esperança. Surge aqui a dupla dimensão da sinodalidade, na medida em que exprime o caminhar juntos na vida da Igreja e o acompanhamento da história dos povos rumo à plenitude do Reino de Deus.

35. Na caminhada comum das igrejas da América Latina e do Caribe, estamos desenvolvendo um sentido de *“nós”* através da experiência e da dinâmica de antigos e

novos processos sinodais. Nesse processo, estamos dando vida à nossa convicção de que o Povo de Deus a caminho é o sujeito da comunhão sinodal. As assembleias reafirmaram o que o Concílio Vaticano II expressou sobre a dignidade comum e a igualdade fundamental de todos os batizados, mulheres e homens. O dom da fé e o sacramento do batismo tornam-nos seguidores de Jesus e conferem-nos a todos a pertença ao único Povo de Deus, desde o mais pequeno dos batizados até ao sucessor de S. Pedro.

36. No nosso caminho, sentimos e afirmamos que a sinodalidade nos ajuda a ser uma Igreja mais participativa e corresponsável. Uma Igreja sinodal é desafiada a favorecer a participação de todos, segundo a vocação de cada um e de todos, com a autoridade conferida por Cristo ao Colégio dos Bispos, presidido na caridade pelo Bispo de Roma. A participação baseia-se no facto de todos os fiéis serem chamados e capacitados para pôr ao serviço dos outros os dons recebidos do Espírito Santo. A autoridade dos Pastores é um dom do mesmo Espírito de Cristo Cabeça para servir a edificação de todo o Corpo. Na comunhão sinodal, os Bispos exercem a sua missão apostólica caminhando, acompanhando e guiando os seus irmãos e irmãs no seguimento de Jesus, Caminho, Verdade e Vida.

37. A sinodalidade exprime a condição de sujeito que corresponde a toda a Igreja e a todos na Igreja. Nós, crentes, somos irmãos e irmãs no mesmo caminho, chamados a ser sujeitos activos, participando no único sacerdócio de Cristo. O Espírito Santo é a fonte de uma grande diversidade de vocações, identidades, talentos, competências e ministérios que enriquecem a unidade na comunhão. Estamos perante o desafio permanente de como promover a diversidade sinodal sem a transformar em divisões e como construir a unidade sem a transformar em homogeneidade. A grande maioria dos fiéis cristãos são homens e mulheres leigos que recebem a fé e aprendem a viver a comunhão de amor nas suas famílias e comunidades.

38. A vida sinodal testemunha uma Igreja constituída por pessoas e comunidades que são sujeitos livres e diversos, chamados a relacionar-se fraternalmente por laços de respeito mútuo e de afeto recíproco. Muitas vezes questionaram o modo como nos tratamos uns aos outros na Igreja, especialmente entre pastores e leigos, e entre mulheres e homens. Em todas as assembleias ouvimos um grito profundo para sermos bem tratados, respeitados como iguais, valorizados na sua identidade e na sua contribuição específica. O discernimento partilhado mostra que podemos ainda percorrer um longo caminho para nos relacionarmos uns com os outros com atitudes mais evangélicas, humanizadoras e sinodais. *“Precisamos de uma mudança estrutural que nos desinstale. Isso exige flexibilidade, diálogo, tolerância, aceitação, respeito. Não colocar vinho novo em odres velhos”* (Caraíbas).

39. Um desafio é abrir espaços, fornecer os meios e gerar formas para a participação efectiva das mulheres nos órgãos de discernimento e de decisão. A assembleia sinodal de outubro deverá aprofundar estes temas: a liderança das mulheres e o seu contributo na reflexão teológica, na reflexão teológica, na reflexão teológica, na reflexão teológica, na reflexão teológica, na reflexão teológica, na reflexão teológica, na reflexão teológica, na reflexão teológica, na reflexão teológica.

e na reflexão teológica. Conselhos pastorais, no acompanhamento das comunidades, nas áreas de elaboração e tomada de decisões. *"A participação das mulheres é uma profecia, um fator de esperança"* (Cono Sur).

40. A sinodalidade funda-se e exprime-se nas celebrações do Batismo e da Eucaristia, que são a fonte e o cume da vida cristã. Na assembleia eucarística, actualiza-se a comunhão batismal e gera-se um dinamismo de participação. Existe uma tensão entre diferentes formas de valorizar e viver estes sacramentos. Há quem assinale *"uma tensão entre uma liturgia ritualista e uma liturgia aberta e inculturada"* (Cono Sur). *"É necessário construir novas linguagens e expressões litúrgicas, mantendo a Eucaristia como fonte e cume do nosso caminho em conjunto"* (Bolivariana).

41. A sinodalidade encoraja o empenho ecuménico de todos os cristãos porque é um convite a caminhar juntos na via da plena unidade em Cristo. Sem minimizar as diferenças, a sinodalidade abre-nos ao reconhecimento das legítimas diversidades numa troca mútua de dons e orienta os nossos passos para uma *"harmonia reconciliada"*. Ao mesmo tempo, uma Igreja sinodal deseja fazer avançar ainda mais o diálogo inter-religioso e a fraternidade universal em todos os continentes.

42. Nos diferentes povos, que experimentam o dom de Deus segundo a própria cultura, a Igreja exprime a sua genuína catolicidade e mostra a beleza deste rosto pluriforme. *"Para avançar na configuração de Igrejas com rosto próprio e para responder aos desafios específicos do seu contexto, sente-se na Amazónia a necessidade de uma maior autonomia e diversificação das Igrejas locais, bem como dos seus organismos representativos, como as Conferências Episcopais"* (Ceama - Repam).

### 3. Sinodalidade: o modo de ser e de atuar da Igreja

43. A sinodalidade é a dimensão dinâmica da comunhão eclesial, chamada a encarnar um modo de ser e de atuar fundado na união com a Santíssima Trindade, animado pelo Espírito e centrado em Jesus Cristo. O encontro com a pessoa do Senhor é o critério fundamental de todo o discernimento e o que sustenta a missão evangelizadora da Igreja. Estamos convencidos de que *"o grande horizonte é o discernimento de um novo modo de ser Igreja a partir do encontro com Cristo como caminho de comunhão, participação e missão com uma clara conversão pastoral que reflecta o desejo de viver a sinodalidade em todos os seus âmbitos, até que a sinodalidade se torne um modo de vida [...]"* (Bolivariana).

44. Os discípulos missionários encontram a sua fonte de vida e de inspiração na celebração da Eucaristia e na leitura orante - pessoal e comunitária - da Palavra

de Deus, que lhes permite viver num contínuo processo de conversão pastoral, reforçar o sentido de pertença à comunidade eclesial e favorecer uma participação corresponsável no caminho sinodal.

45. A Igreja discípula missionária, atenta aos sinais dos tempos, sente-se convidada a cultivar uma espiritualidade sinodal encarnada e mariana, porque *“Maria nos recorda que Cristo é o centro de nossa vida e o modelo do caminho sinodal”* (Bolivariana). Resgata a riqueza da fé e da piedade popular *“para fortalecer a experiência interior do nosso povo como complemento da vida litúrgica”* (Bolivariana), que deve ser inculturada, e deve expressar a *“sabedoria, a alegria e os ensinamentos da Igreja”* (Bolivariana). Dos nossos povos [...] *Contribuem, celebram, escutam, acolhem, acompanham, dão e recebem nas várias dimensões da existência”* (Contribuição Afro-Garifuna).

46. O modo de ser e de atuar sinodal da Igreja exige um estilo de discernimento comunitário baseado na escuta mútua do Espírito e no diálogo verdadeiro e confiante. É o *“Espírito que nos impele a esta abertura, a esta procura da novidade de Deus, mesmo com todos os riscos que isso implica”* (Caraíbas). Devemos *“superar os nossos medos perante a escuta, porque sabemos que ela nos compromete a agir e a responder aos nossos irmãos e irmãs que são escutados”* (Cone Sul).

47. Para esta escuta discernente, a Igreja deve considerar e exercitar a conversação espiritual. Como método e práxis, ela ajuda a aprender a escutar, a dialogar, a formar-se em itinerários, dinâmicas e processos que sustentam uma conversão pessoal, eclesial e estrutural. À luz deste estilo, gera-se a necessária reciprocidade que nos leva à complementaridade da vocação e dos dons de cada um. A dinâmica será *“aprender a escutar, a escutar o outro e sobretudo a escutar profundamente, porque quando escutamos profundamente o outro (atenção plena) isso toca, mexe com o nosso ser e exige que transformemos atitudes, que mudemos a forma de nos relacionarmos e que passemos ao diálogo”* (contributo de Pueblos Indígenas). Esta forma de estar ajuda a recriar laços e convida-nos a ter uma nova forma de nos relacionarmos, abertos à ação do Espírito, que sempre surpreende e abre novos caminhos. A sinodalidade supõe uma *“espiritualidade que consiste em amar e escutar, com responsabilidade, com compromisso e sem medo”* (Cono Sur); leva-nos a abraçar o *“caminho do perdão e da reconciliação, reconhecendo as nossas faltas e omissões, para reconstruir, a partir da nossa própria vulnerabilidade, a Igreja sinodal”* (Camex-Sur).

48. À luz da reflexão sobre o método do diálogo espiritual, que é particularmente adequado para este momento, surgem percepções, tensões e prioridades que podem ajudar o processo. O diálogo espiritual permite falar livremente de questões incómodas e dolorosas, numa experiência de relação horizontal. Longe de anular a própria identidade e as histórias de vida, ajuda a colocar-se no lugar do outro, a sintonizar-se com os seus sentimentos e, a partir daí, a afinar as próprias convicções. Esta experiência é um itinerário formativo: aberto à aprendizagem, à conjugação de sentimentos e ideias que conduz a mudanças, torna possíveis encontros improváveis,

favorece o diálogo e cria canais de comunicação.

49. Percebe-se que a animação e a ação do Espírito acompanham todo o processo. É necessário viver esta experiência a partir de uma liberdade interior e com o coração aberto, evitando polémicas, imposição de ideias, “agendas” e tudo o que impede o Espírito Santo de ser o protagonista.

50. O método é como um ciclo em espiral ascendente que passa do eu (1º momento - sentimentos: pessoal) ao deixar-me tocar pelo outro, o tu (2º momento - ecos: relacional), para chegar finalmente ao nós (3º momento - escolha da vontade de Deus: o comum). O método não deve ser a soma dos discernimentos individuais, mas o meio e a expressão de um processo comunitário.

51. É importante procurar como integrar o método hermenêutico Ver - Julgar - Agir, assumido pela Igreja na América Latina e nas Caraíbas, com o processo de conversação espiritual, de tal forma que se mantenha uma análise profunda da realidade associada ao discernimento, e que este resulte sempre na busca de consensos para uma ação transformadora. Certamente já existem avanços em nossa região que vêm da experiência do trabalho sinodal continental: associar o ver com o escutar, contemplar; o julgar com o discernir, interpretar; e o agir com o planejar, responder.

52. Para favorecer o processo de discernimento sinodal, os seus tempos e passos, na fidelidade ao que é partilhado e ao que o Espírito nos quer dizer, considera-se importante formar e empossar os moderadores e secretários dos grupos. Formar o moderador, para que possa animar o processo enquanto tal, evitando cair num mero grupo de opinião; e o secretário, para que possa ajudar a elaborar uma síntese comunitária e não ficar por uma mera sessão de brainstorming.

## 4. Igreja missionária sinodal

53. Uma Igreja sinodal, segundo o lema do Sínodo, é uma Igreja em comunhão e participação para a missão - *“a Igreja que é sinodal tem o desafio e a missão de ser missionária”* (Caraíbas). Por isso, *“são urgentemente necessárias estruturas para garantir uma sinodalidade missionária, incluindo todos os membros da periferia”* (Camex). Em vez de fechar a Igreja em si mesma, a sinodalidade conduz a uma Igreja missionária ao serviço da fraternidade universal. Como a sinodalidade, a missionariedade é constitutiva da Igreja, pois cada batizado é discípulo missionário de Jesus Cristo na sua Igreja. O discipulado é o seguimento de Jesus, um pôr-se a caminho com ele para colaborar com a sua obra e prolongá-la na história. Por sua vez, a obra de Jesus é evangelizar e, portanto, esta é também a missão da Igreja. Como dizia São Paulo VI, *“a Igreja existe para evangelizar”* (EN 14). É necessária uma *“revisão das estruturas e da instituição eclesial no seu conjunto, em função do serviço*

e da evangelização" (Cono Sur).

54. Jesus, na sua pessoa, na sua vida, na sua obra e na sua Páscoa, torna presente o Reino de Deus. O Reino é um absoluto, em relação ao qual tudo se torna relativo. A missão evangelizadora da Igreja não é outra senão a de dar continuidade à missão de Jesus, contribuindo para o crescimento do Reino no mundo, especialmente nas periferias, que devem ser o seu centro. É preciso *"levar a Boa Nova às periferias; reconhecer que ali ela se encarna e é vida, que é vivida e constrói sinodalidade"* (Bolivariana).

55. A missão, em termos sinodais, não é proselitismo, que leva a uma Igreja autorreferencial, eclipsando o Reino de Deus, do qual é sacramento. É necessário *"ser uma Igreja credível, sacramento do Reino"* (Caraíbas). A missão consiste no anúncio alegre e gratuito de Jesus Cristo e do seu mistério pascal a toda a humanidade, numa relação intercultural, pois está inserida num mundo plural e diverso. É apontado que *"o horizonte mais claro que se abre é o desafio da evangelização na diversidade. Como ser discípulos missionários no meio da diversidade dos contextos, das situações e da complexidade do mundo"* (Caraíbas). É urgente *"atender aos sujeitos da evangelização, respeitando a sua cultura, convidando-os a participar, aproximando-se do seu modo de vida e compreendendo a sua visão do mundo"* (Cone Sul). A missão consiste em incarnar o Evangelho nas culturas, contribuindo para a formação de Igrejas locais autóctones, com o rosto dos povos que as integram. Uma Igreja incarnada corresponde a uma evangelização inculturada e inculturante da Igreja como instituição, na sua organização e estruturas.

56. A sinodalidade ajuda todos os baptizados a serem sujeitos activos da missão evangelizadora e o Povo de Deus a caminhar com uma humanidade que peregrina, numa atitude de diálogo e de serviço ao mundo, em vista de uma fraternidade universal. É sublinhado que *"o mundo precisa de uma 'Igreja em saída' que rejeite a divisão, que volte o seu olhar para a humanidade e lhe ofereça, mais do que uma doutrina ou uma estratégia, uma experiência de salvação, um 'transbordar de dom' que responda ao grito da humanidade e da natureza"* (Camex). Na missão evangelizadora, os outros não são apenas destinatários, mas também interlocutores, porque os discípulos missionários estão numa relação horizontal de comunhão com todos os homens de boa vontade, nos quais actua o Espírito de Deus. A sinodalidade conduz a uma atividade missionária aberta, a uma participação e a um intercâmbio sem fronteiras.

57. No entanto, a identidade evangelizadora da Igreja nem sempre parece estar presente em todas as comunidades, porque por vezes estão mais preocupadas em resolver os seus problemas internos do que em anunciar a Boa Nova. Existe uma tensão *"entre uma Igreja centrada em si mesma e uma Igreja missionária"* (Cono Sur). Isto pode levar à tentação de *"acreditar que primeiro temos de resolver os problemas da sinodalidade e depois sair em missão"* (Caraíbas). Sinodalidade e missão são dois aspectos intimamente ligados, porque a sinodalidade enriquece a missão e a missão dinamiza a sinodalidade.



58. Nas assembleias regionais é referido que a tendência eclesial para se centrar em si mesma pode surgir do *“medo e da dúvida sobre como sair na vida quotidiana e na convivência com as pessoas”* (Bolivariana). Há também *“o medo de perder o poder e o desejo de controlar, o que leva à intolerância e à rigidez que impedem passos concretos e ousados para cumprir a missão evangelizadora de levar as pessoas ao encontro com Deus”* (Caraíbas). Isto leva a uma forte tensão entre uma pastoral de mera conservação, que assegura os espaços e os tempos da comunidade, e uma Igreja que não só estende a sua tenda para acolher, mas também sai dela para ir ao encontro dos outros onde eles se encontram.

59. Neste sentido, surge uma questão que gera diversos acentos: até que ponto e de que forma o Evangelho deve penetrar nas culturas? É um desafio discernir como realizar a tarefa evangelizadora no atual contexto de diversidade, multiculturalismo e interculturalismo, para aprender a viver a fé numa grande diversidade. *“Esta inculturação deve influenciar também a construção dos espaços litúrgicos para os tornar mais adequados à teologia da sinodalidade”* (Cono Sur).

60. A evangelização se dá através do testemunho de vida pessoal e comunitária. A fé cresce pela atração da graça de Deus, valoriza as pessoas e os povos como sujeitos e reconhece a herança evangelizadora dos povos indígenas e afro-descendentes que vivem a fé à sua maneira. Outro *“desafio para a Igreja na sua missão evangelizadora é o sectarismo”* (Cone Sul), entendido como a divisão e as lutas internas de sectores fechados em si mesmos, o que é um anti-testemunho.

61. Pede-se-lhe também que *“passe de uma evangelização centrada no pecado para uma perspectiva da Boa Nova, como o médico que, em vez de se centrar na doença, centra o seu trabalho na saúde; (assim) podemos passar da lamentação para a atenção ao que podemos fazer”* (Bolivariana). Por outro lado, é sempre necessário recordar qual é a finalidade da missão evangelizadora, porque por vezes ela é reduzida a um dos seus processos, como a administração dos sacramentos, em vez de favorecer um verdadeiro encontro com Cristo que inicia e fortalece um caminho de seguimento e crescimento na fé.

62. Durante os encontros, foi sublinhado o papel dos leigos e especialmente das mulheres na transmissão da fé. Catequistas e evangelizadores que, em lugares distantes e contextos difíceis, com paixão e esperança, são um dom de Deus que agradecemos e valorizamos. No entanto, foi também referido que, por vezes, se sente uma tensão com o clero que assume a responsabilidade de liderar toda a ação evangelizadora na comunidade. *“O apoio, o anúncio e o testemunho das mulheres missionárias devem ser valorizados. E isso é fundamental numa Igreja sinodal”* (Bolivariana).



## 5. Sinodalidade: engajamento socioambiental em um mundo fragmentado

63. A sinodalidade motiva a Igreja a sair de si mesma e a colocar-se com toda a sua missão ao serviço da sociedade. Como mostram as sínteses, há experiências sinodais de uma Igreja que é companheira de caminho dos povos da América Latina e das Caraíbas. Várias contribuições afirmam que em muitas sociedades da nossa região existe uma grande diversidade étnica, cultural e social. Esta é uma riqueza, mas também pode ser percebida como uma ameaça. Esta manifesta-se em múltiplas fragmentações, em grandes desigualdades, na marginalização e na exclusão de diferentes grupos no continente. As nossas sociedades sofrem também de fortes polarizações ideológicas e políticas; em vários países, observa-se com preocupação um enfraquecimento da democracia como sistema de representação e de governo. Nestes contextos, uma Igreja sinodal é chamada a renovar a sua opção preferencial pelos pobres e a pôr em evidência a dimensão social da evangelização, porque se esta “não for devidamente explicitada, corre-se sempre o risco de desvirtuar o sentido autêntico e integral da missão evangelizadora” (EG 176).

64. Nos encontros, chamou-se a atenção para o que se observa em muitos lugares: *“o distanciamento das Igrejas locais da realidade, dos gritos que vêm das terras e dos povos, das diversas realidades das pessoas em vulnerabilidade, das periferias”* (Cone Sul), sejam elas periferias geográficas, territoriais, sociais e existenciais. Os pobres têm muitos rostos: rostos de mulheres, povos indígenas e afrodescendentes, pessoas em condições de vulnerabilidade como migrantes e refugiados, pessoas com deficiência, crianças e idosos, e muitos outros.

65. Uma Igreja sinodal é chamada a *“ser uma Igreja mais profética e samaritana. Uma Igreja profética e missionária que vai verdadeiramente às periferias geográficas e existenciais e escuta o grito dos pobres e da criação”* (Bolivariana). É importante que no processo sinodal tenhamos a audácia de trazer à tona e discernir grandes temas, muitas vezes esquecidos ou negligenciados, e de encontrar o outro e todos aqueles que fazem parte da família humana e que muitas vezes são marginalizados, também na nossa Igreja. Vários apelos recordam-nos que, no espírito de Jesus, devemos *“incluir os pobres, as comunidades LGTBIQ+, os casais em segunda união, os padres que querem regressar à Igreja na sua nova situação, as mulheres que abortam por medo, os presos, os doentes”* (Cono Sur). Trata-se de *“caminhar juntos numa Igreja sinodal que escuta todos os tipos de exilados para que se sintam em casa”, uma Igreja que é “um refúgio para os feridos e os quebrados”* (Cono Sur). Isto exige disponibilidade para *“ir ao encontro, dar a nossa atenção, envolvermo-nos. Porque sinodalidade significa não esperar que as pessoas venham, mas ir ao encontro delas”* (Cono Sur).

66. A Igreja oferece o seu amor samaritano e o seu serviço solidário, aprendendo a caminhar com todos aqueles que também estão ao serviço dos que sofrem, procurando gerar alternativas à cultura do descarte e enfrentando os diferentes

tipos de violência que aumentaram nos últimos anos. Entre elas, a violência ligada às grandes desigualdades sociais, ao narcotráfico, ao crime organizado, ao tráfico de seres humanos, aos maus tratos de crianças e mulheres. Neste caminho conjunto, a Igreja está a descobrir diferentes formas de ser sinodal em alianças com os movimentos sociais e populares, e com outras pessoas e instituições empenhadas na promoção de todos, como o Pacto Global para a Educação.

67. Algumas contribuições perguntam: *“Escutar o grito dos povos e da terra” é um compromisso com o Evangelho que nos pede para sermos aliados dos povos na defesa da vida e dos seus territórios*” (Cone Sul). Isto é particularmente verdadeiro para a Amazônia, ameaçada por um colapso ecológico, com consequências desastrosas para a vida da terra e dos seus povos. Há um sentimento amazônico que aponta para *“o abandono dos nossos povos indígenas; a falta de uma presença real no seio dos povos amazônicos”* (Bolivariana). É identificada como *“uma questão pendente: chegar aos povos originários, marginalizados pela sua língua, cultura e cosmovisão diferentes; e [...] chegar às [outras] periferias, aproximar-se e acolher os indigentes, os de outras crenças e costumes”* (Cono Sur).

68. O serviço sócio-ambiental a que a Igreja é chamada a servir à luz do Evangelho e da Doutrina Social da Igreja é fortalecido num diálogo ecumênico e inter-religioso que conduz a uma ação comum. Em muitos países da América Latina e das Caraíbas existem Conselhos Inter-religiosos nos quais participam ativamente representantes de várias Igrejas cristãs e de múltiplas religiões presentes na nossa região. Partindo de um compromisso partilhado com a promoção dos direitos humanos, da justiça, da paz e do cuidado da casa comum, desenvolvem conjuntamente actividades a favor da sociedade.

69. Várias contribuições afirmam que uma Igreja sinodal, vivida como um hospital de campanha, deve dar um lugar central aos jovens. Para estar próxima deles, curar as suas feridas e acompanhá-los nas suas buscas, a Igreja deve *“adaptar a sua linguagem, os seus símbolos para se aproximar das suas realidades concretas. Temos que pensar em novos métodos para encantar e resgatar a presença dos jovens na Igreja, indo onde eles estão e caminhando junto com eles”* (Cono Sur). É importante que *“eles, e também nós, tomemos consciência do papel de protagonismo que eles têm a desempenhar na Igreja e na sociedade”* (Cono Sur).

70. Foi reiterado o pedido de escuta, de integração e de participação na tomada de decisões por parte dos jovens. Ressoa a oração que um grupo deles fez no encontro do Cone Sul, expressando os motivos pelos quais seus amigos abandonaram a Igreja e concluindo com uma prece sincera: *“Deus, Mãe e Pai, escuta nosso clamor em oração! Soprai com força para que a Igreja não se esqueça dos jovens, para que abrace a sua vida tal como ela é, com os seus sonhos e anseios, e os acompanhe na tarefa de difundir e promover a sinodalidade”*.

71. Muitos jovens manifestam uma grande sensibilidade para os problemas sociais

e ambientais, com grande criatividade para gerar soluções a partir dos seus espaços. Sendo “nativos digitais”, têm muito mais conhecimentos e competências para ajudar a Igreja a descobrir as potencialidades digitais para a evangelização, o trabalho em rede e a criação de uma cultura sinodal nestes espaços.

72. A participação de representantes do Sínodo Digital nas assembleias suscitou o interesse por uma presença mais ativa e proactiva neste espaço. Também se sentiu a necessidade de acompanhar mais de perto os evangelizadores digitais.

## 6. Conversão sinodal e reforma de reestruturação

73. O Concílio Vaticano II concebe a Igreja como uma instituição que necessita de uma renovação permanente. Em continuidade com o Concílio, Francisco refere-se à Igreja como *Ecclesia semper reformanda*, que exige a conversão de toda a comunidade eclesial. A Igreja latino-americana e caribenha assume este apelo como uma conversão pastoral permanente, que exige uma revisão da “práxis pessoal e comunitária, das relações de igualdade e autoridade, das estruturas e dinamismos” (SD 30). As regiões consultadas afirmam que “a sinodalidade requer uma conversão pessoal, comunitária, eclesial e estrutural” (Cone Sul), de modo que “é urgente uma mudança de mentalidade, uma mudança de estruturas” (Camex).

74. Este apelo não é isento de desafios e tensões. Encontramos pessoas e grupos que querem separar a mudança de mentalidade e a conversão pessoal da reforma das estruturas, assim como há aqueles que não querem a reforma da Igreja. Por isso, estas mudanças têm de fazer parte de um processo de “conversão ativa, para uma verdadeira transformação da mente e do coração, uma vez que todos fomos formados em tempos diferentes e temos muitas práticas enraizadas” (Cono Sur). Daqui deriva a necessidade de as Igrejas locais gerarem processos e espaços de escuta, de diálogo e de discernimento que continuem a aprofundar a questão fundamental do caminho sinodal: “Como se realiza hoje este caminho conjunto na nossa Igreja particular? Que passos nos convida o Espírito a dar?”

75. A resposta a estas questões constrói-se envolvendo todo o Povo de Deus. É necessário dar um passo em direção a uma autêntica *sinodalização* de toda a Igreja, o que implicará “reformas espirituais, pastorais e institucionais” (DA 367) com o objetivo de dar forma a um novo modelo institucional. As consultas regionais reconhecem que, para o conseguir, “devem ser criadas novas opções pastorais a partir de uma mudança de mentalidade e da renovação das estruturas existentes” (Caraíbas). Neste contexto, o desafio é procurar uma reforma dos seminários e das casas de formação, especialmente quando algumas destas instituições ainda não ultrapassaram a sua

forma tridentina. Muitas pessoas vêem *“os seminários como casas fechadas que não ajudam a visão de um sacerdócio ministerial”* (Camex). A reforma actualizada da Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis deve ser prosseguida. Na formação dos candidatos ao sacerdócio, as famílias, os leigos e os consagrados e consagradas devem ser envolvidos. Este facto foi sublinhado por todas as assembleias regionais.

76. Todo o processo de renovação para uma maior sinodalidade na Igreja requer mais formação. Pediu-se que os itinerários formativos e catequéticos sejam integrais e que os membros do Povo de Deus os realizem juntos. Foi sublinhado que as famílias, como igrejas domésticas, e as comunidades eclesiais paroquiais e educativas, devem ser o primeiro lugar de formação para a comunhão sinodal. Ao mesmo tempo, pediu-se que as paróquias pudessem ser renovadas segundo o modelo de uma comunidade de comunidades, revitalizando assim as pequenas comunidades.

77. Entre as numerosas propostas e pedidos de formação expressos nas assembleias como tema de destaque, emergem vários horizontes e áreas: *“acreditamos na importância da formação sinodal e, por isso, gostaríamos de contribuir com algumas ideias para uma formação integral: aprender a trabalhar em colaboração; crescer numa cultura de discernimento; implementar a transparência nos vários domínios da vida eclesial; adquirir competências digitais e radiofónicas para estar permanentemente ligado às necessidades da paróquia; mostrar experiências vivenciais para tornar visível a relevância da sinodalidade”* (Bolivariana).

78. Um eixo transversal a todas as áreas eclesiais é o da formação para uma cultura de respeito por todas as pessoas e para a prevenção de todos os tipos de abuso.

79. As consultas regionais mencionam a prioridade de tornar obrigatória a constituição dos vários conselhos promovidos pelo Vaticano II: conselhos presbiterais, conselhos económicos (diocesanos e paroquiais) e conselhos pastorais (diocesanos e paroquiais). Pedem também que eles *“sejam um espaço de inclusão, diálogo, transparência e discernimento não só a nível nacional e regional, mas também nas comunidades de base, paróquias e dioceses, prelazias e vicariatos, seguindo o processo de comunhão e participação”* (Cone Sul). Reconhece-se que os conselhos oferecem *“âmbitos permanentes para o exercício e a promoção da comunhão e da sinodalidade”* (ECI, Sinodalidade, 80). Mas a sua implementação formal não é suficiente. Pede-se que cada conselho *“não seja apenas um espaço consultivo, mas que se garanta a sua participação nas decisões sobre a governação e as mudanças estruturais”* (Camex).

80. Uma Igreja estruturada a partir de uma rede de conselhos permitiria estabelecer procedimentos institucionais de responsabilidade e transparência que partem das comunidades e ajudam a erradicar os abusos de consciência, de poder, espirituais, psicológicos, sexuais e económicos. Isso requer a criação de instâncias e protocolos de prevenção, reparação e justiça (cf. AE 355). Isto responderia a vozes

que vêm “uma tensão entre o desejo de uma Igreja mais transparente versus uma cultura de secretismo” (Cono Sur), e que pedem um maior “compromisso para cuidar e ouvir as vítimas de abuso” (Camex). Este e outros aspectos exigirão “abertura a possíveis modificações no Direito Canônico que dêem forma jurídica à prática sinodal; especialmente que as instituições sinodais sejam reconhecidas por lei e que a lei ajude a garantir e a promover uma maior transparência” (Cono Sur).

81. O surgimento de uma nova eclesialidade sinodal nos coloca o desafio de imaginar novas estruturas. Algumas já estão a surgir, como a Conferência Eclesial para a Amazônia (CEAMA) e a primeira Assembleia Eclesial da América Latina e das Caraíbas. No entanto, surgiu a preocupação de ver como articular a colegialidade episcopal e a eclesialidade sinodal, o que nos convida a pensar em como integrar a elaboração e a tomada de decisões, pois “a dimensão sinodal da Igreja é deve exprimir-se através da realização e governo de processos de participação e discernimento capazes de manifestar o dinamismo de comunhão que inspira todas as decisões eclesiais” (ECI, Sinodalidade 76). Do mesmo modo, estas novas estruturas colocam-nos perante formas de organização e de funcionamento que têm de ver como articular o sentido da fé de todos os fiéis, a autoridade episcopal e o serviço da teologia, porque o Espírito Santo fala através de todo o Povo de Deus no seu conjunto e não apenas através de alguns (os bispos) ou de um (o bispo de Roma, que tem o primado). “Se o Povo de Deus não fosse o sujeito da decisão, não haveria sinodalidade. E se o Povo de Deus não é constitutivo de um corpo que toma decisões para a Igreja como um todo, este corpo também não é sinodal” (Ceama-Repam). Por tudo isto, entende-se que é necessário “renovar e repensar as estruturas da Igreja para responder aos desafios do mundo de hoje, interpretando os sinais dos tempos [e] um passo para isso é a reforma do Código de Direito Canônico” (Bolivariana).

## 7. Vocações, carismas e ministérios em chave sinodal

82. “A sinodalidade é a arte de valorizar, acolher e saber articular todos os dons e carismas que o Senhor nos deu, de modo que fluam e se tornem um canal de graça e bênção, e, por isso, é importante valorizar as diferentes vocações” (Bolivariana). A Igreja é um Povo profético, sacerdotal e régio-servidor, onde todos os seus membros são sujeitos da vida teologal rumo à santidade. Recebem de Deus diferentes carismas para servir o bem comum (cf. AE 171).

83. A riqueza da diversidade dos carismas e dos ministérios foi repetidamente mencionada nos encontros regionais. Estes exprimem-se tanto nos dons que enriquecem a vida consagrada como nos dons muito variados dos diferentes leigos. Por isso, é necessário “rever a estrutura da Igreja para que seja uma comunidade de



comunidades, reconhecendo a unidade na missão com a diversidade de ministérios que o Espírito Santo concede através de dons a cada um dos seus membros, segundo a sua vocação, para não opor a dimensão carismática à dimensão institucional" (Bolivariana).

84. No entanto, uma Igreja "toda ministerial" não é necessariamente uma Igreja "toda ministerial instituída". Legitimamente, há muitos ministérios que decorrem da vocação batismal, incluindo ministérios espontâneos e outros reconhecidos, que não são instituídos e outros que são instituídos com a sua formação, missão e estabilidade. Alguns povos indígenas até referiram que têm os seus próprios ministérios, que já estão vivos, mas que não são reconhecidos pela instituição eclesial.

85. É necessário um profundo discernimento comunitário sobre os ministérios que devem ser criados ou promovidos à luz dos sinais dos tempos, especialmente entre os leigos. Estes não devem ser apenas para atender às necessidades internas da Igreja, mas como "resposta e serviço ao mundo" (Camex), porque "a missão dos cristãos, antes de tudo, está no mundo" (Ceama-Repam). Aqui ressoa a voz do Papa Francisco que, na exortação *Querida Amazônia*, fala de "uma cultura eclesial marcadamente laical" (QA 94). Devemos valorizar e promover "o serviço dos leigos na construção do mundo, na economia, na política, nas ciências, nas artes, etc." como uma dimensão essencial para que "a Igreja seja um Povo profético, sacerdotal e régio" (Caraíbas, Ceama-Repam).

86. Uma questão central é favorecer a participação dos leigos, especialmente das mulheres e dos jovens, nos cenários de decisão. Há uma presença majoritária de mulheres porque "são elas que mais sustentam a Igreja" (Camex) mas, por outro lado, são elas que "precisam de estar abertas à incorporação e à participação nos espaços de decisão" (Cono Sur). Há contribuições que apontam que esses espaços já existem em algumas de nossas igrejas locais, mas outras têm "a sensação de que as mulheres são 'mão de obra barata' dentro da Igreja" (Cone Sul) e é "necessário criar e instituir novos ministérios, especialmente para as mulheres" (Ceama-Repam). Muitas vezes consideram urgente a instituição do diaconado feminino, reconhecendo o que está a ser vivido em várias comunidades.

87. Desde o Concílio Vaticano II, o ministério sacerdotal passou por um profundo processo de renovação. No entanto, o clericalismo, entendido como a expressão do autoritarismo clerical, é repetidamente denunciado como a deformação do serviço ministerial num abuso de poder. Isto afecta não só o sacerdócio ordenado, mas é também uma tentação para todos os ministros da Igreja, incluindo os leigos. "Vemos a necessidade de pensar numa conversão dentro da Igreja que supere o clericalismo e o machismo que exclui as mulheres dos processos de discernimento e de decisão, e isso é algo cultural que temos de enfrentar, mesmo que tenhamos de ir contra a maré. Fraternidade e irmandade é o que precisa ser cultivado" (Cono Sur. Ceama-Repam).

88. Por isso, é importante "dar passos para superar o clericalismo no laicado e

no clero, assumindo a nossa missão a partir do princípio da subsidiariedade como um modo de proceder sinodal" (Bolivariana). A Igreja é mais sinodal quando caminha com todos os batizados e os encoraja a viver a missão reconhecendo a sua dignidade comum como base para a renovação da vida eclesial e com ministérios em que a autoridade é serviço. *"A autoridade como serviço constrói a interdependência (nem dependência nem independência) sobre a base da vocação comum de discípulos"* (Bolivariana).

89. A revalorização da vida e da dignidade batismal, como fonte primária de todos os ministérios, exige um novo modelo institucional que contrarie o modelo piramidal que facilita o clericalismo. A sinodalidade oferece o quadro interpretativo adequado para pensar a renovação do ministério ordenado, que supõe, entre outras coisas, *"discernir a ministerialidade de todo o Povo de Deus em chave de corresponsabilidade"* e viver *"a ministerialidade como aliança com os pobres"* (Cone Sul).

90. Isto implica também repensar o modelo do ministério ordenado. Alguns dizem que nas suas comunidades existe um *"conflito entre o sacerdócio comum e o sacerdócio ministerial"*, bem como *"formas de sacerdócio que não respondem às necessidades do Povo de Deus"* (Camex). Assim, se queremos uma Igreja mais sinodal e missionária, *"é necessário repensar o perfil dos ministérios, especialmente dos ministros ordenados, para que exerçam o seu ministério 'na' comunidade e não 'sobre' ela"*, com uma formação *"em estreita relação com os processos pastorais e a vida das pessoas que vão servir"* (Ceama-Repam).

91. Neste domínio do ministério ordenado, várias vozes defenderam que *"precisamos de um diálogo aberto e honesto sobre se a questão do celibato e da sua relação com o ministério sacerdotal ainda é útil"*. (Caraíbas). Além disso, a possibilidade de ordenação sacerdotal de diáconos permanentes foi considerada favoravelmente, assim como alguns levantaram *"o serviço e a inclusão de sacerdotes casados e membros da vida consagrada que deixaram os seus institutos"* (Cone Sul).

92. De modo especial, a Assembleia Geral de outubro é convidada a abordar esta questão, promovendo uma revisão da teologia e das formas de uma Igreja ministerial, a formação e o perfil dos ministros, instituídos e ordenados, e a abertura de alguns ministérios às mulheres.

93. A vida consagrada, presente nas Assembleias Regionais, é consciente da ação do Espírito e sente um forte apelo a caminhar em comunhão com a Igreja, que é uma comunidade de discípulos iguais - pelo batismo - e partilha ministérios, vocações e carismas para a construção do Reino. Nasce na Igreja, cresce e é chamado a dar frutos evangélicos na comunhão viva do Povo de Deus fiel, pelo que anseia *"continuar a alimentar a experiência da sinodalidade e a ser força motriz para a dinamizar nos vários contextos e nas comunidades locais a que pertence, nas quais é constitutivamente chamado a ser presença profética sinodal expressa em encontros"*



comunitários, Capítulos, Assembleias, serviços pastorais, etc.” (Caraíbas). Os consagrados e as consagradas comprometem-se a viver como uma Igreja em saída e centrada no Evangelho e, portanto, mais pobre, missionária, enraizada nos contextos, pneumatocêntrica e em constante diálogo com a realidade.

94. Sinodalidade e vida consagrada estão interligadas no caminho de conversão, escuta e missão, com critérios de participação e corresponsabilidade, que definem também a identidade e a natureza da própria Igreja. Os dons hierárquicos e carismáticos caminham juntos para “*desaprender e erradicar todas as atitudes de dependência, submissão e silêncio no seio das comunidades, das Igrejas e da sociedade; e para eliminar o clericalismo introduzido no modo de nos relacionarmos com os outros membros da Igreja. Por isso, procuramos resgatar e valorizar as experiências sinodais vividas há muito tempo em algumas igrejas da América Latina para aplicá-las de forma renovada no nosso aqui e agora*” (Bolivariana).

## 8. Contribuições do itinerário sinodal da América Latina e das Caraíbas

95. Na Narrativa das assembleias regionais e na Introdução desta síntese apontamos peculiaridades do itinerário sinodal da Igreja latino-americana e caribenha. No desenvolvimento dos sete temas anteriores, reunimos as principais contribuições das assembleias e das sínteses para o *Instrumentum laboris*. Agora, como recapitulação projetiva, levantamos quatro questões centrais.

96. (I) Tanto o texto da nossa primeira Assembleia Eclesial como o Documento para a etapa continental promovem uma Igreja sinodal missionária. A primeira questão diz respeito às relações recíprocas entre eclesialidade, sinodalidade, ministerialidade e colegialidade. Ao longo do processo da Assembleia, sentimos a fecundidade recíproca e a tensão positiva entre a eclesialidade sinodal e a colegialidade episcopal. A recente caminhada do Povo de Deus no nosso meio, o discernimento das vozes e expressões do *sensus fidei fidelium*, a participação responsável e corresponsável de todos, apresenta o quadro interpretativo adequado - teórico e prático - para nos escutarmos, dialogarmos e discernirmos juntos a partir da dignidade comum recebida na graça filial e fraterna do batismo. A nossa experiência mostra que, neste horizonte de comunhão, se enriquece o exercício do ministério episcopal como serviço pastoral ao Povo de Deus. Estamos a aprender que, se o ministério dos bispos não se situar numa eclesialidade sinodal, pode ser empobrecido por não receber os frutos de um amplo intercâmbio e por se sentir ameaçado como se a sinodalidade fosse uma democratização que põe em causa a instituição hierárquica da Igreja. Num processo vivido sinodalmente, a elaboração e a tomada de decisões por parte das autoridades competentes aumentam de legitimidade e favorecem um acolhimento mais positivo por parte da comunidade.

97. Neste contexto, surge uma questão que deveria ser examinada na próxima Assembleia Sinodal com discernimento espiritual, profundidade teológica e sentido pastoral. Trata-se das relações mútuas entre eclesialidade, sinodalidade, ministerialidade e colegialidade. Isto pode ser aprofundado com base no papel central do Espírito de Deus na vida e na missão da Igreja. A teologia dos sacramentos, especialmente do Batismo e da Ordem, as relações recíprocas entre o sacerdócio comum e o ministério ordenado, e as reformas dos ministérios e das estruturas da Igreja, incluindo a reforma do ministério do Sucessor de Pedro, podem ser analisadas numa perspectiva sinodal.

98. (II) O surgimento de uma eclesialidade sinodal renovada está impulsionando o desafio de imaginar reformas sinodais nas mentalidades, atitudes, práticas, relações e estruturas eclesiais. As inovações da Conferência Eclesial para a Amazônia e da primeira Assembléia Eclesial da América Latina e do Caribe mostram que não basta a criação de novas instituições, mas que elas devem ser acompanhadas de uma consciência e de uma formação que ajudem a articular a comunhão em formas novas, orgânicas e dinâmicas de participação comunitária. Não é possível levar a cabo as moções do Espírito para a Igreja do terceiro milênio sem uma espiritualidade de comunhão sinodal.

99. É preciso retomar de forma sinodal as orientações do Concílio Vaticano II para uma renovação permanente da Igreja na sua fidelidade a Jesus Cristo e na sua missão evangelizadora junto dos povos. A exortação conciliar de ser uma *Ecclesia semper reformanda* (UR 4, 6), ou uma *Ecclesia semper purificanda* (LG 8), são uma fonte de inspiração para a próxima Assembleia renovar a sinodalidade como comunhão, participação e missão. No novo contexto sinodal, a Igreja da América Latina e das Caraíbas continua a acolher esse apelo conciliar como um caminho de conversão pastoral e missionária.

100. Neste processo, surgem questões que não são novas, mas que estão a adquirir uma nova relevância. Qual é o valor magisterial dos resultados das Assembleias eclesiais? Não teriam maior validação e aceitação se fossem apresentados como orientações e documentos de todo o Povo de Deus de uma região, porque são fruto da escuta, do diálogo e do discernimento comum? O que aconteceria se algumas decisões de uma Assembleia fossem rejeitadas pelo órgão episcopal? Quando, como e onde se deveria proceder a votações consultivas e deliberativas? Podemos sonhar com uma configuração sinodal das Conferências Episcopais e das estruturas continentais como o CELAM? O discernimento espiritual, os fundamentos teológicos e o direito canónico devem certamente ser aqui conjugados.

101. (III) Desde o Concílio Vaticano II e com base no método da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, uma grande contribuição da Igreja da América Latina e das Caraíbas tem sido a reflexão sobre a fé e a orientação da evangelização, não só através do serviço dos bispos e dos teólogos, mas também através das contribuições da tradição sinodal do Povo de Deus. O ensinamento dos últimos Papas orienta-nos

a aprender do *sensus fidei* de todos os fiéis, sustentando ao mesmo tempo o serviço próprio daqueles que ensinam a fé da Igreja com autoridade apostólica. Parece-nos que o Sínodo deveria considerar o admirável intercâmbio entre o magistério do Povo de Deus, os pastores e os teólogos.

102. O método ver-julgar-agir adquiriu cidadania na Igreja latino-americana e caribenha, conforme expresso no Documento de Aparecida (cf. DAp 19). Foi aperfeiçoado e agora se enriquece com o método do diálogo espiritual, ao mesmo tempo em que o primeiro enriquece o segundo. Neste contexto, falamos do processo circular e progressivo configurado pelos respectivos momentos de ver - escutar - contemplar, julgar - discernir - interpretar, e agir - responder - planejar.

103. O pano de fundo do nosso método hermenêutico é a convicção de que Deus se comunica na história e falou plenamente através do seu Filho Jesus Cristo, que a sua Palavra é transmitida nas Sagradas Escrituras recebidas e comunicadas na Tradição da Igreja, e que Deus continua a falar através dos acontecimentos históricos, especialmente através dos sinais que marcam o tempo presente. No magistério da América Latina e das Caraíbas, a história, a teologia e a pastoral enriquecem-se mutuamente.

104. A Assembleia sinodal poderá aprofundar sinodalmente o discernimento comunitário na escuta do Espírito e a hermenêutica histórico-pastoral à luz do Evangelho de Cristo, a todos os níveis e em todos os âmbitos eclesiais, em conformidade com o ensinamento conciliar (cf. GS 11, 44).

105. (IV) A Igreja que peregrina na América Latina e nas Caraíbas reconhece-se como uma Igreja de Igrejas e uma comunidade de comunidades. Nos concílios e sínodos da primeira evangelização, e nas conferências pós-conciliares do nosso episcopado, houve valiosos intercâmbios entre igrejas locais, conferências episcopais e organismos regionais, que foram promovidos pelo CELAM. No seu ensinamento, o Papa Francisco refere-se à sinodalidade local, regional e universal, e neste momento estamos a viver um processo que começa nas igrejas locais, se enriquece nas conferências nacionais, atinge agora dimensões continentais, e na Assembleia será vivido a nível de toda a Igreja. Francisco inclui nas suas encíclicas, exortações e discursos as experiências eclesiais locais e o magistério das conferências episcopais, como o Documento de Aparecida (cf. EG 25, 122).

106. O apelo a viver e a agir sinodalmente impele-nos a redefinir as implicações mútuas entre o particular e o universal, o valor da experiência eclesial nas periferias e o seu impacto no todo, os equilíbrios certos e tensos entre as prioridades locais, nacionais, regionais e globais, e o desafio de nos abirmos à harmonia, obra do Espírito. A próxima Assembleia poderá centrar-se nestas questões: como integrar as riquezas particulares na beleza do todo; como respeitar os ritmos e as exigências daqueles que caminham mais devagar; como superar uma prática predominantemente vertical, em que as igrejas particulares parecem subordinadas, com uma verdadeira comunhão

de igrejas na catolicidade universal; como superar uma prática predominantemente vertical, em que as igrejas particulares parecem subordinadas, com uma verdadeira comunhão de igrejas na catolicidade universal.

107. O texto da Assembleia Eclesial ensina: *"Desde o início da nossa história eclesial a Mãe de Deus sustenta a esperança dos povos do continente e é o grande vínculo espiritual de toda a América"* (AE 224). O nosso povo crente, espiritual e afetivamente mariano desde as suas origens guadalupanas e em todas as suas expressões locais, sente e sabe que *"há um estilo mariano na ação evangelizadora da Igreja. Esta dinâmica de justiça e ternura, de contemplação e de caminho em direção aos outros, é o que faz dela um modelo eclesial de evangelização"* (EG 288). Do coração da fé e da piedade da nossa Igreja, pedimos à Virgem Mãe que nos sustente na esperança do caminho sinodal, porque ela é *"rainha e mãe da misericórdia, nossa vida, nossa doçura e nossa esperança"*.